

O CAMINHO FICA LONGE E FOGO NA NOITE ESCURA – UMA RELAÇÃO INTERTEXTUAL

Ana Carla Pacheco Lourenço Ferri*

“O Fernando anda a escrever um romance novo com o sangue em fogo que lhe queima as veias. /.../ E parece que só ele o entende. Todas as escolas literárias se tinham esquecido da nobre missão da Arte, descurando a realidade viva dos interesses colectivos¹ e a sua interpretação rigorosa. Como se a Arte se bastasse a si mesma”.

(*O CAMINHO FICA LONGE*)

“Hoje, a literatura, a arte, afinal – divagou ainda Luís Manuel –, só se justifica quando se revela atuante, direta, intencional. Os valores artísticos dependem, evidentemente, da época, que os determina”.

(*FOGO NA NOITE ESCURA*)

O conceito de intertextualidade², tão caro a este artigo, pode ser entendido como o diálogo entre novos discursos e discursos já existentes. E é o conhecimento que o leitor tem sobre esses discursos que lhe possibilita perceber esse entrecruzamento textual. Estou pensando com Linda Hutcheon quando afirma que

A intertextualidade substitui o relacionamento autor-texto, que foi contestado, por um relacionamento entre o leitor e o texto, que situa o *locus* do sentido textual dentro da história do próprio discurso. Na verdade, uma obra literária já não pode ser considerada original; se o fosse, não poderia ter sentido para seu leitor. É apenas como parte de discursos anteriores que qualquer texto obtém sentido e importância. (HUTCHEON, 1991, p. 166)

* Doutora em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professora de Língua Portuguesa e Literaturas da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro.

¹ Procurei respeitar, nas citações, a ortografia original dos textos.

² Intertextualidade é o termo utilizado por Julia Kristeva, a partir de 1969, para explicar as relações intertextuais entre obras e autores. Corresponde ao que Mikail Bakhtin chamou de dialogismo já na segunda década do século XX.

Como leitora dos romances *O Caminho Fica Longe* (1943), de Vergílio Ferreira, e *Fogo Na Noite Escura* (1943), de Fernando Namora, quero propor um diálogo entre os dois textos. Deixo claro que não pretendo analisar os dois romances, mas fazer um corte proposital de cenas que considero fundamentais nas duas narrativas³. Corte provocado pela ligação intertextual entre dois autores que se aproximam intelectual e cronologicamente. Vergílio Ferreira (1916-1996) e Fernando Namora (1919-1989) fazem parte de uma geração de intelectuais, a Geração de 40, que ajudou a consolidar o movimento neorrealista português, movimento que se preocupou em interpelar e procurar modificar uma realidade histórico-social injusta e cerceadora.

O Caminho Fica Longe, escrito em 1939, foi o primeiro romance publicado por Vergílio Ferreira, em 1943.⁴ Poucas pessoas tiveram oportunidade de ler esse livro porque, assim como outros publicados nessa época, a obra enfrentou o rigor da censura fascista do governo de Salazar e teve grande parte de sua edição apreendida ainda na tipografia – exemplares que chegaram às livrarias foram logo recolhidos. O romance tem como cenário a cidade de Coimbra, reduto de estudantes universitários. Através de um narrador extradiegético, o leitor conhece a história de estudantes como Amélia, Rodrigues, Catarina, Luísa, Fernando; entretanto, a narrativa se concentra em torno das angústias e incertezas de Rui, jovem de origem humilde e camponesa. Segundo Aniceta de Mendonça, se considerado em relação ao contexto histórico em que foi escrito e publicado, *O Caminho Fica Longe* “é obra fundamental para o equacionamento do romance português contemporâneo”. (MENDONÇA, 1980, p. 36)

Fogo Na Noite Escura, escrito em 1942 e publicado também em 1943, é o segundo romance de Fernando Namora – o primeiro foi *As Sete Partidas do Mundo* (1938). A narrativa procura retratar a rotina dos jovens acadêmicos de Coimbra e, embora não tenha um único protagonista – o narrador traz à cena histórias de jovens como Abílio, Mariana, Luís Manuel, Rita, Seabra –, é possível destacar o perfil contestador e político do aventureiro Júlio e o do conflituoso Zé Maria; este tem uma origem familiar muito semelhante à de Rui, de *O Caminho Fica Longe*. Para Mário Sacramento, *Fogo Na Noite Escura* constitui-se como “um depoimento inestimável em torno das coordenadas coimbrãs da geração de 40”. (SACRAMENTO, 1967, p. 75)

A breve apresentação desses dois romances já poderia sugerir um diálogo entre eles, porém, para além da semelhança temática, a própria estrutura das narrativas, especialmente a escrita por Vergílio Ferreira, justifica a leitura intertextual que aqui estamos propondo. *Fogo Na Noite Escura* não apenas se refere a produções literárias e jornalísticas; também abre espaço para a música, para as artes plásticas – na figura do significativo personagem Carlos Nóbrega, um escultor. Além do romance, da poesia,

³ Recorto cenas que considero significativas para sugerir não só o diálogo entre as duas narrativas, mas também o início da convergência de seus autores para o movimento literário neorrealista.

⁴ Recentemente (2010) a equipe responsável pelo espólio de Vergílio Ferreira publicou a inédita novela *A Curva de uma vida*, escrita em 1938, e o romance *Promessa*, de 1947.

da música, *O Caminho Fica Longe* tangencia outra forma de expressão artística, o cinema. Ao chegar a meio da narrativa, a um capítulo intitulado “Intervalo”, o leitor descobre que tudo que leu até então – enredo, personagens – faz parte de um filme, cujo argumento é de autoria do próprio narrador.⁵

Essa mistura de gêneros discursivos também constitui uma forma de intertextualidade. Em seu artigo “Intertextualidade: considerações, em torno do dialogismo”, Ricardo Zani⁶ explica que

(...) o conceito de dialogismo vai além da literatura e das histórias de suas fontes, trabalha e existe dentro de uma produção cultural, literária, pictórica, musical, cinematográfica e define o que se entende por uma relação polifônica, onde vozes subexistem, como uma relação intertextual que se estende por vários meios e períodos. (ZANI, 2003, p. 126-127)

Recuperando o comentário de Aniceta de Mendonça sobre *O Caminho Fica Longe* e o de Mário Sacramento sobre *Fogo Na Noite Escura* – ambos destacando a importância histórica desses dois romances –, cito duas passagens que retratam o desejo dos jovens estudantes de construir uma arte mais engajada, solidária com a miséria do povo:

A gente o que pretende afinal é... é... (como dizer?) é interpretar, traduzir em palavras o que os pobres sentem e não podem manifestar... Por consequência (agora já apanhou o fio) a arte não é nossa, propriamente não é nossa, mas deles. De resto nem há arte nenhuma no caso. Nem isso se pretende fundamentalmente. Diz-se o que se sente, o que se vê... (CFL, p. 89)

Júlio rematou por fim a conversa:

– Não me falem mais de literatos. Falem-me de gente que não se furte à intervenção direta nas responsabilidades que lhe competem.

– É o que todos, incluindo os literatos, se estão esforçando para fazer – retorquiu Seabra, achando-se atingido. (FNE, p. 293)⁷

Vergílio Ferreira e Fernando Namora retratam em seus romances uma geração que cresceu sob os ecos das duas grandes guerras mundiais, que vivenciou um contexto de crise e de recrudescimento de governos ditadores e fascistas. Naturalmente, esses jovens também sentiram a necessidade de tomada de consciência, uma necessidade que

⁵ Nessa parte do livro, o narrador extradiegético transforma-se em narrador-personagem, protagonizando o diálogo que mantém com um crítico de cinema.

⁶ O professor Ricardo Zani salienta, no artigo, a importância das relações intertextuais, baseando-se em muitos estudiosos que se dedicaram a pesquisar sobre o assunto – desde o precursor Mikail Bakhtin, passando por Julia Kristeva, Robert Stam, Julio Plaza, entre outros.

⁷ Para as citações dos romances, utilizarei as siglas CFL, para *O Caminho Fica Longe*, e FNE, para *Fogo Na Noite Escura*, seguidas do número da página.

crescia em diversos segmentos da sociedade em todo o mundo⁸ e que veio na esteira do Novo Humanismo – movimento artístico de raízes marxistas, que procurou questionar os valores burgueses e problematizar a alienação do homem, denunciando as desigualdades socioeconômicas.⁹ O envolvimento dos dois romances com o contexto histórico em que estão inseridos corrobora o discurso de Mikail Bakhtin quando afirma que todo enunciado toca em fios dialógicos já existentes e de alguma forma é afetado pela consciência ideológica que orienta o seu tempo:

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo como seu prolongamento, como sua réplica /.../. (BAKHTIN, 1988, p. 86)

O processo de desalienação e de consolidação de novas diretrizes literárias ou artísticas enfrentou muitas dificuldades em Portugal. Além do crivo da censura, da alta taxa de analfabetismo do povo, também sofreu com a desconfiança das classes desfavorecidas e mesmo com o sentimento de descrédito vindo de muitos dos jovens intelectuais. Essa questão não foi negligenciada por Vergílio Ferreira e Fernando Namora nos romances aqui cotejados. Os personagens Rodrigues, de *O Caminho Fica Longe*, e Júlio, de *Fogo Na Noite Escura*, atacam com vigor as intenções literárias de alguns jovens escritores. Esses dois personagens assumem, em muitos momentos das narrativas, a voz que questiona a eficácia prática das atividades intelectuais dos colegas. Rodrigues faz o tipo extrovertido que parece estar sempre de bem com a vida e surpreende quando se posiciona seriamente em relação a questões sociais e ideológicas. Júlio é mais introspectivo e, embora mais jovem, angustiado e impaciente, faz lembrar um certo ceifeiro rebelde¹⁰ – sugerindo aqui mais um diálogo intertextual:

– A literatura moderna? Uma estupidez... Andam para aí vocês a armar que sofrem com os pobres e o diabo a quatro... Qual sofrem nem qual carapuça? O que vocês querem é explorar a desgraça dos outros para fazerem arte com ela. Arte... Mas que raio de arte terá a vida de um desgraçado? E, depois, que é que vocês sentem? Que é que vocês remedeiam? Isso é uma grande cantiga! Bananas, menino, para tal arte social!

⁸ Essa necessidade de intervenção tornava-se ainda mais urgente numa intelectualidade que, como as de outras gerações de portugueses, vivia sob o estigma de ocupar um não-lugar na Europa, sentimento tão bem explicado por Boaventura de Sousa Santos: “/.../ os portugueses nunca puderam instalar-se comodamente no espaço-tempo originário do Prospero europeu. Viveram nesse espaço-tempo como que internamente deslocados em regiões simbólicas que lhes não pertenciam e onde não se sentiam à vontade. Foram objecto de humilhação e de celebração, de estigmatização e de complacência, mas sempre com a distância de quem não é plenamente contemporâneo do espaço-tempo que ocupa.” (SANTOS, 2001, p. 53-54)

⁹ Em Portugal, o movimento denominou-se Neorealismo e se consolidou através das obras de escritores que formaram a chamada Geração de 40.

¹⁰ Personagem que lutou pela desalienação dos companheiros plantadores de arroz no romance *Gaibéus* (1939), de Alves Redol.

É boa! O Rodrigues nunca tinha dito destas coisas tão sérias e, aparentemente, pelo menos, tão verdadeiras! /.../ (CFL, p. 88-89)

Júlio sorriu. Palavras, artificios, ingenuidade. Sentia lástima por esses letrados, incapazes de aguentar um murro ou um copo de aguardente e que vociferavam contra as fórmulas do passado, substituindo-as, afinal, por outras não menos convencionais. Não podia acreditar nos homens que berravam de longe. E, para ele, a única identidade consciente com os problemas era experimentá-los na carne. /.../ Em que altura a vida lhes deitaria por terra, ao primeiro sopro, as intolerâncias, a pitoresca inflexibilidade que os fazia sancionar de geniais os poemas que falavam em batatas e de nulidades fúteis todos os outros? Eram esses poemas, que não passavam das mesas dos cafés, toda a sua contribuição de homens ardorosamente interessados num mundo melhor? Apetecia perguntar-lhes se eles saberiam, sequer, identificar uma cultura de batatas... (FNE, p. 180-181)

O discurso inflamado de Rodrigues direciona-se aos novos literatos em geral, mas procura atingir principalmente o personagem Fernando, que pretende escrever um novo romance, “cheio de força e heroísmo”. Júlio também ataca os jovens escritores, mas sua indignação se volta principalmente para Luís Manuel, jovem rico e bem intencionado que sofre com a aversão e a desconfiança dos estudantes mais radicalmente envolvidos em atividades sociopolíticas. A postura de Júlio é de uma militância mais austera pelas causas sociais.

No prefácio à segunda edição do romance *Vagão J*, Vergílio Ferreira aborda esse problema e questiona se os escritores – quase todos oriundos de famílias economicamente mais abastadas, famílias que nunca sentiram na pele a miséria e a fome – teriam legitimidade para se autoelegerem justiceiros e protetores dos pobres e dos humilhados. O autor duvida de que as boas intenções, repletas do espírito de solidariedade, seriam capazes de superar a falta de experiência vivida:

Porque a verdade proletária só mesmo a poderiam enunciar uns lábios proletários. Que sabíamos nós, com efeito, das fomes e misérias de que só morríamos nos livros? E que direito tínhamos nós de extrair da fome alheia a nossa <<honra e proveito>>? Pois que era isso, afinal, o que no escuro da consciência todos nós desejávamos e alguns vieram a alcançar. (FERREIRA, 1982, p.16-17)

Outro aspecto social presente nos dois romances refere-se ao novo quadro de estudantes das universidades portuguesas, um quadro que não era mais formado apenas por filhos de fidalgos ou burgueses: “/.../ nos últimos tempos, esse estudantezinho já não era apenas o rebento de um berço fidalgo ou burguês. Vinham também os filhos da pequena burguesia, do proletário camponês” (FNE, p.63). A Universidade passa a conviver com classes que antes tratou de deixar do lado de fora de seus muros, passa a conhecer os desejos e a pobreza desses novos estudantes.¹¹ Tanto em *O Caminho Fica*

¹¹ Aspecto bastante atual para nós brasileiros, se pensarmos no sistema de cotas sociais e raciais que vem ampliando o acesso de estudantes de classes menos favorecidas economicamente às universidades públicas. Uma política social que por um lado democratiza a universidade pública; por outro, muitas vezes cria um enorme

Longe como em Fogo Na Noite Escura, são vistos personagens saídos dessas classes mais humildes e destaque, entre eles, Rui (CFL) e Zé Maria (FNE).

O Rui não quer que a mãe venha para Coimbra. Antes desistir do curso e trabalhar! Pensa que seria mais humano pegar numa enxada e rasgar a terra como qualquer labrego. Terra que ele rasgaria com o ódio acumulado desde que se reconheceu nascido pobre e doente. O que não pode tolerar é a ideia de que amanhã tem de dizer aos seus colegas:

– É minha mãe!

A mãe dele. Gorda, de andar pesado e um lenço atando-lhe o queixo papudo.

Rui conhecia as mães de alguns colegas. (Senhoras. Chapéu. Piano).

(CFL, pp. 85-86)

Às vezes, levantava uma pálpebra e só a visão daquele quarto sórdido, onde os sonhos vagueavam como naufragos, era suficiente para que ele mergulhasse de novo a cabeça nos lençóis. A verdade é que só um pobretana como ele poderia tolerar que lhe tivessem destinado um quarto que o vento devassava livremente de um lado ao outro, assobiando de escárnio na travessia. A sua vida era feita de desencontros e contrastes – e tudo isso se resumia, ao fim e ao cabo, em flagelações. Tinha ainda nos músculos a brandura das poltronas de Luís Manuel e na boca o tempero das iguarias exóticas que se serviam em casa do amigo; /.../ Depois das ceatas como a da noite anterior, o despertar era sempre mais penoso, pois durante alguns dias tudo nele teimava em se sentir participante dessa existência confortável. (FNE, pp. 48)

Embora tenham personalidades muito diferentes – Rui é introvertido e, por ser muito magro, aparenta fragilidade; Zé Maria apresenta um temperamento mais explosivo e se impõe pelo forte físico de montanhês –, esses dois personagens têm a mesma origem pobre e camponesa¹², e vivem conflitos muito semelhantes: enfrentam grandes dificuldades financeiras para se manterem na universidade; conhecem, através de alguns colegas ricos, as seduções de uma vida confortável; envergonham-se da origem pobre; sentem uma grande culpa e um ódio ancestrais.¹³

E todavia Rui sente bem que essa mulher gorda, de andar pesado, trabalha até alta noite. Por causa dele. E manda moedas ao fim do mês para Rui pagar a pensão e tomar café no Pirata. Ela trabalha, caramba!

fosso entre estudantes pobres e ricos, uma vez que os mais pobres enfrentam grandes dificuldades financeiras e mesmo de base educacional para se manterem na universidade.

¹² Por vários motivos, o movimento neorrealista português se voltou para o homem do campo: um sistema agrário arcaico e desigual que beneficiava os grandes proprietários e oprimia os trabalhadores assalariados e os pequenos donos de courelas; a falta de desenvolvimento industrial que resultava em uma classe operária reduzida. Esses dois romances levantam um problema que afetou significativamente as famílias camponesas; pois, para que seus filhos pudessem cursar a universidade, trabalhavam em ritmo desumano, faziam empréstimos junto a agiotas e, em grande parte, viam-se obrigadas a sair da aldeia e a tentar a sorte na cidade – muitas, por exemplo, montavam pensões que hospedavam estudantes.

¹³ O ódio é ancestral porque a dívida com os pobres é ancestral e, por isso, a luta que se exige é histórica. Há personagens memoráveis da literatura portuguesa que precedem Rui e Zé Maria no ódio contra a ignomínia a que os pobres sempre estiveram sujeitos, basta lembrar a insuperável Juliana de *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós.

Ela sofre. Por causa dele... E ele não consegue amá-la, ser agradecido, ter a coragem de passear na rua da cidade de braço dado com ela. Não consegue! O defeito não é dele. É da natureza. A natureza fizera-o assim! (CFL, p. 86)

Lembrava por exemplo, a última carta do irmão: “Padrinho: quando vou para Coimbra? Padrinho: também aprendo leis quando for para aí?” Essas frases eram um cutelo necessário para que ele não viesse a regenerar-se. O irmão, o pai. O pai via-o de longe através dos comentários da aldeia (“Vosse-mecê está a despir a camisa por um filho que amanhã até se envergonha da família”), através da dívida ao Chiolas e da suspeita de que ele era um perdulário a desbaratar em prazeres o esforço dos pais e dos irmãos. Ainda se Zé Maria pudesse dizer-lhes, sem que as palavras enxovalhassem a pureza das intenções: Meu pai: lutarei por todos e por mim /.../. (FNE, p. 265-266)

Rui e Zé Maria vivem uma verdadeira batalha interior para encontrarem a essência de suas existências, para descobrirem um objetivo pelo qual fossem capazes de lutar com ímpeto e convicção. Aniceta de Mendonça afirma que *O Caminho Fica Longe* é um romance presencista e aponta as características psicológicas de Rui como índices do presencismo: “a luta interior permanente consigo mesmo e com os outros, as suas ambiguidades, indecisões, fracassos e fraquezas, misturadas com acções intempestivas”. (MENDONÇA, 1980, p.38) Todas essas características também poderiam ser atribuídas a Zé Maria; logo teríamos mais um herói presencista. Vejo-me obrigada a discordar dessa opinião, porque essas características estão presentes em quase todos os personagens construídos por esses dois romancistas, mesmo naqueles que foram considerados mais “enquadrados” na estética neorrealista.¹⁴

Considero Rui e Zé Maria uma grande síntese do perfil que Vergílio Ferreira e Fernando Namora deram à grande maioria de seus protagonistas. E são as atitudes desses dois personagens que darão o tom mais social de *O Caminho Fica Longe* e de *Fogo Na Noite Escura*, marcando o início da convergência de seus autores ao novo movimento literário. Rui transforma-se em um médico dedicado aos pobres e convence-se de que não poderia viver isolado, chorando suas próprias lágrimas. Zé Maria livra-se de suas hesitações e amarguras e encontra a paz quando abraça verdadeiramente a causa de seus companheiros universitários:

Vieram-lhe, num repente, os estremecimentos antigos, porque a lembrança da vida, que fora sua, o fez recuar e perder a experiência acumulada. Mas Rui não é mais criança. Não! *Ele sabe que a luta é de todos*, que a vida se não parte pelos homens mas os absorve a todos por igual, num interesse único, numa força indivisível. *Nunca mais os seus olhos chorarão a própria desventura, fechados na tristeza de um viver isolado.*

Sim, tudo passou. Porque o peito da pobre tísica continua estalando com a tosse, pelo tempo fora, porque o cavador se desmembra removendo o pedregulho, e o portão da fábrica engole, cada manhã,

¹⁴ Lembro aqui das indagações interiores de Manuel Borrhalho, personagem do romance *Vagão J*, considerado, por Vergílio Ferreira, o que melhor representa sua inserção no movimento neorrealista. Lembro também do sonhador Loas, pequeno courelheiro do romance *O Trigo e o Joio*, de Fernando Namora.

centenas de operários. *Rui não pode ficar-se mais a chorar as próprias dores que se afundam no sofrimento da humanidade. /.../ Seu rumo já foi traçado. E agora, nem que os ventos soprem rijo, e os raios se cruzem e os homens o desfibrem, nem que o céu se rasgue e a terra vomite castigos desconhecidos, Rui não se desviará daquele caminho recto que sua razão traçou. Nem que estoure!* (CFL, pp. 316-317)¹⁵

/.../ Zé Maria, por detrás deles, tinha os lábios escuros. A luz envolvia-o cruamente, fazia dele uma dura estátua. Ainda fixava Júlio, numa impotente reprovação, e depois respirou com desalento. Sentia-se agora perfeitamente lúcido e calmo. Chegara a sua hora. /.../ Livre de todas as hesitações e amargores, de um drama íntimo que não conseguia controlar racionalmente. Conciliado consigo próprio, esclarecido. E tão ágil como se tivesse despido uma couraça. Iria desviar a atenção dos guardas e de todos os que procuravam ver Júlio caído na armadilha. Nem era por Júlio que o faria; era por si.

E foi dele que partiu a primeira agressão. Os guardas correram para esse foco inesperado da luta, donde uma voz bradava sem descanso: “Foge! Foge, imbecil!” Mas a voz calou-se, por fim. Zé Maria não conseguia forças para gritar. Tinham-no atingido no olho esquerdo, na boca, no ventre; furava-o uma dor atroz misturada com náusea. Por último, uma pancada na cabeça atordoara-o. Era o vácuo, onde se abria uma cratera imensa. *Antes de perder os sentidos, correu-lhe sobre os músculos a carícia de uma paz havia muito desejada. Sabia que não era uma paz súbita, mas que só agora, conscientemente, soubera reconhecê-la.* (FNE, p. 471-472)¹⁶

A trajetória de Vergílio Ferreira e a de Fernando Namora demonstram que, embora tenham seguido seus próprios caminhos e respeitado suas individualidades, não deixaram de ser participantes do discurso de uma geração que primou pela intenção de transformar o seu tempo histórico em um tempo mais humano e justo. Assim como outras vozes já fizeram, procurei ressaltar, com esta leitura intertextual, a importância que o Neorrealismo teve em Portugal – mais do que um movimento, representou uma inquietação intelectual que permanece até hoje entre os que acreditam na Literatura e na Arte como instrumentos de transformação da sociedade.

¹⁵ Grifos meus.

¹⁶ Grifos meus.

Resumo: Este artigo propõe uma leitura intertextual dos romances *O Caminho Fica Longe* (1943), de Vergílio Ferreira, e *Fogo na Noite Escura* (1943), de Fernando Namora. Os dois romances retratam a rotina de jovens acadêmicos portugueses que cresceram sob os ecos das duas grandes guerras mundiais, que vivenciaram um contexto de crise e de recrudescimento de governos ditadores e fascistas. Essa geração de jovens intelectuais sentiu a necessidade de uma tomada de decisão e iniciou um movimento artístico voltado

para a luta pela transformação política e social de seu país. O artigo pretende mostrar, através de um recorte de cenas das duas narrativas, alguns dos conflitos e obstáculos enfrentados na consolidação do movimento neorrealista: além da dificuldade de conciliar a criação estética e ideológica, enfrentou o crivo da censura, da alta taxa de analfabetismo do povo, também sofreu com a desconfiança das classes desfavorecidas e mesmo com o sentimento de descrédito vindo de muitos dos jovens intelectuais. Com o cotejo

de passagens de *O Caminho Fica Longe* e de *Fogo na Noite Escura*, este trabalho procura reforçar o pensamento crítico de que o Neorealismo, mais que um movimento, representou uma inquietação intelectual que permanece até hoje entre os que acreditam na Literatura e na Arte como instrumentos de transformação da sociedade.

Palavras-chave: Vergílio Ferreira, Fernando Namora, intertextualidade, Neorealismo português.

Abstract: This article proposes an intertextual interpretation of the novels *O Caminho Fica Longe* (1943), by Vergílio Ferreira, and *Fogo na Noite Escura* (1943), by Fernando Namora. Both novels portray the routine of Portuguese young scholars who have grown up under the atmosphere of the two World Wars and experienced a context of crisis and resurgence of fascist dictators and governments. This generation of young intellectuals started

an art movement focused on political and social transformation of their country. Through some scenes of the two selected novels, this article aims to show some conflicts and obstacles in the consolidation of the neorealist movement: in addition to the difficulty of reconciling the aesthetic and ideological creation, neorealist movement faced the scrutiny of censorship, population's high illiteracy rate and also suffered from the mistrust of the lower classes and even with a sense of disbelief from many of the young intellectuals. Comparing some passages of *O Caminho Fica Longe* and *Fogo na Noite Escura*, this work seeks to strengthen the critical analysis that neorealism, more than a movement, represented an intellectual inquietude that remains today on whose believe in Literature and art as an instrument of social transformation.

Keywords: Vergílio Ferreira, Fernando Namora, Intertextuality, Portuguese Neorealism.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética. A Teoria do Romance*. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- FERREIRA, Vergílio. *O caminho fica longe*. Lisboa: Inquérito, 1943.
- _____. Prefácio do Autor. In: FERREIRA, Vergílio. *Vagão J*. Amadora: Bertrand, 1982, p.9-31.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-Modernismo – História, Teoria, Ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- MENDONÇA, Aniceta de. *O Caminho Fica Longe* de Vergílio Ferreira e o romance dos anos 40. *Colóquio/Letras*. Lisboa, n. 57, set. 1980, p. 36-44.
- NAMORA, Fernando. *Fogo na noite escura*. 12 ed. Amadora: Bertrand, 1979.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1992.
- ZANI, Ricardo. Intertextualidade: considerações em torno do dialogismo. *Em Questão*. v. 9, n. 1, 2003. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/65>